



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

ESTIMADOS ALUNOS, FUNCIONÁRIOS, PROFESSORES E COMUNIDADE EXTERNA DO IPVC

A todos cumprimento desejando-vos um **Feliz Ano Novo**, com saúde, bem-estar e realização pessoal, profissional e social.

É um hábito, já, dirigir-me à Instituição e a cada um de vós, no início de cada ano. Desta vez, precisei de alguns dias mais para vos poder dirigir esta minha mensagem. Sinais dos tempos. Em boa verdade, estas mensagens têm sempre sabor a balanço: pomos em comum o que de bom e de menos bom nos aconteceu no ano que acaba e começamos a esculpir, face às previsões e à nossa ambição, o novo ano, para o qual desejamos que, além de novo, seja ótimo.

Havia indicação que na semana passada seria disponibilizada informação determinante para o nosso futuro colectivo imediato. Por isso, esperei. Falo, essencialmente, da reorganização da rede do ensino superior e de outras importantes questões como as do financiamento do PROTEC e dos CET. Só tivemos acesso a parte desta informação – a do financiamento – pouco encorajadora, diga-se, e da qual vos falarei mais à frente.

O ano 2011 acabou por configurar-se num ano muito bom para o IPVC, em desabono dos muitos receios com que para ele partimos. As circunstâncias acabaram por ajudar, é certo, mas foi no trabalho concertado de todos que mais uma vez fizemos a diferença e justificamos o sucesso.

Vejamos o que foi o ano 2011:

Tivemos novo *record* do número de alunos admitidos, indicador estruturante da nossa sustentabilidade; desenvolvemos e consolidámos a nossa oferta formativa com novos ciclos de estudo, especialmente mestrados e CET; prosseguimos a reforma da organização interna, suportada em políticas da qualidade acreditadas e agora, até, honrosamente reconhecidas, como à frente referirei; vimos já muitos colegas terminarem a sua formação avançada.



da (doutoramento) e outros, cerca de cem, a prossegui-la, com sucesso, dando boa conta do apoio que a Instituição lhes vem a dar. Tivemos, como é habitual, também, um largo programa de formação dedicado aos nossos funcionários.

Sentimos, colectivamente e com orgulho, o reconhecimento do trabalho de alguns dos nossos alunos e professores, distinguidos com importantes prémios de mérito nacionais e internacionais; reforçamos a nossa ligação ao desenvolvimento da região e ao seu mundo empresarial, pela nossa participação directa em múltiplos projectos de cariz tecnológico e em estruturas de incremento como os pólos de competitividade, agências de desenvolvimento regional, agências regionais de energia, associações empresariais e incubadoras de base tecnológica. Estivemos atentos e activos na cultura (com uma particular referência ao trabalho da nossa Oficina Cultural), na investigação e ciência, na profissionalização, desde a educação à saúde, do agroalimentar ao desenvolvimento rural, ao mar, à energia, nomeadamente às novas energias, como o hidrogénio, às novas tecnologias no seu todo, ao apoio especializado a empresas, ao desporto, ao turismo, às artes, pela realização de dezenas de eventos culturais, técnicos e científicos, dos quais fomos promotores, a sós ou em parcerias, as mais das vezes com parceiros internacionais.

Alargamos o âmbito da nossa habitual colaboração com as instituições e com as empresas, anteriormente muito centrada em áreas tecnológicas, para as áreas sociais, como a estruturação e dinamização das redes sociais do distrito, que contam, agora, connosco, como responsáveis pela sua organização e dinamização.

Daria destaque ao facto de sermos, cada vez mais, parte interessada e par de eleição da CIM do Alto Minho para o desenvolvimento da nossa região, o que muito nos orgulha. Significa isto, antes de mais, que estamos bem entrosados na nossa missão, para além da mais-valia do trabalho que fazemos.

Como Instituição honra-nos ver reconhecido o humilde contributo que damos para que se estabeleça, no Alto Minho, uma cultura que sustente o desenvolvimento e inovação numa perspectiva multidimensional e na qual os factores sociais, culturais e económicos, de natureza e base local/regional,



tenham o papel fulcral e decisivo. É nesta interacção que quereríamos ver materializadas as relações entre território e inovação.

Uma economia baseada no conhecimento e dirigida à inovação (a que desejamos e a única que nos resta, felizmente!) tem de emergir do constante formigar (num clima de melhoria e superação contínuas) entre o poder económico e social (empresas e outras organizações), as instituições da cultura, da formação integral, do conhecimento, da ciência e da tecnologia (universidades e politécnicos) e das instituições públicas (poder político) a quem compete garantir a favorabilidade desta “tripla hélice”, pela promoção, pelo incentivo e pelo estabelecimento de relações contratuais transparentes, previsíveis e estáveis, nas interacções e trocas.

O IPVC está centrado e zeloso neste papel. Ele será, de resto, o fio condutor de importantes etapas do nosso próprio desenvolvimento institucional – que se avizinham – como o da nossa necessidade de nos especializarmos, mais ainda, em algumas áreas. A identificação das nossas áreas de especialização (...áreas de maior aposta até se tornarem em áreas de referência...) terá, necessariamente, de ser feita no terreno, inerente ao trabalho de potenciar, numa lógica de “tripla hélice” e com a cumplicidade das partes interessadas (*stakeholders*), o desenvolvimento da região. Nunca poderá ser, apenas, um ato de definição política de um órgão do governo da Instituição, mas sim, resultado do aturado trabalho de parceria no desenvolvimento da cultura e no melhorar da economia da região, traduzida esta no aumento das fontes de riqueza e no bem-estar das pessoas.

O ano de 2011 foi, ainda, o ano da criação da nova unidade orgânica do IPVC, a Escola Superior de Desporto e Lazer, de Melgaço, decisão de grande consensualidade entre a instituição, a região e a tutela, escola onde reside um dos maiores potenciais de qualidade e de crescimento do IPVC, dados os recursos globais de que dispõe e a situação do país nesta área de formação. Tudo faremos para que esta escola consiga concretizar este potencial.

Prosseguimos o intenso e difícil esforço de cooperação com a Guiné-Bissau e com Angola, ao nível do sistema educativo básico, da preservação da língua, da formação de professores e da cultura para o desenvolvimento, e, ultimamente, da cooperação com vista ao desenvolvimento do ensino superior nes-



tes dois países de expressão portuguesa. Iniciaram-se, também, bases importantes de trabalho para um maior envolvimento com espaço europeu do ensino superior, através da UASNET (*European Network for Universities of Applied Sciences*) da qual o CCISP ocupa, neste momento, a Vice-presidência e cujo próximo Congresso, em Maio/Junho, se realizará em Portugal e do qual se espera que venha a constituir um importante ponto de viragem na cooperação com a Europa a este nível de ensino.

Estão em marcha, ainda, ambiciosos programas de cooperação com a China (Macau e China Continental) e com o Brasil.

O IPVC continuou a assegurar o desempenho de relevantes responsabilidades na organização e coordenação do ensino superior em Portugal, servindo na Vice-presidência do CCISP, na Presidência da ADISPOR (Associação de Institutos Superiores Politécnicos Portugueses) e na Presidência da APNOR (Associação de Institutos Superiores Politécnicos do Norte), com larga actividade em todos eles.

Conseguimos, pelo desenvolvimento de parcerias com a região e no bom aproveitamento dos fundos europeus, iniciar a construção dos dois edifícios que nos faltavam para instalar as escolas de Melgaço e de Valença, bem como continuamos a construção do pavilhão pedagógico da ESS, que está em fase de conclusão, e de múltiplas outras obras de restauro e de reequipamento, como o que foi feito em múltiplos laboratórios das várias escolas e nos sistemas de informação. Reforçamos o parque de viaturas, adquirindo mais algumas viaturas de serviços.

É oportuno voltar a recordar, sobretudo para os menos familiarizados com os processos de gestão, que tudo isto foi concretizado pelo nosso bom desempenho em projectos com fundos próprios e europeus ou seja, não estamos a falar de obras e melhoramentos feitos com o Orçamento de Estado (OE) que nos foi atribuído, obviamente.

Não fora as sérias dificuldades que tivemos para pagar vencimentos no mês de Dezembro (e desta vez estamos a falar de Orçamento de Estado), apesar do exercício de rigor que para nós sempre é a execução orçamental, 2011 teria sido um excelente ano para a nossa Instituição ou mesmo um dos me-



Ihores anos de sempre na vida do IPVC. Estas dificuldades resultaram da não transferência do Estado de mais de um milhão de euros inscritos no OE do IPVC.

E o Novo Ano 2012?

Propunha-vos, a todos e antes de mais, que mantivéssemos uma atitude de serenidade, de confiança além de um forte espírito de resistência.

As adversidades serão muitas, está à vista, na vida de cada um nós e da Instituição, mas, contra elas só teremos uma arma eficaz: resistir. Resistir terá de ter o significado de desempenharmos, ainda melhor, se possível, o papel de cada de um. Mais centrado. Com mais entrega. Sem estímulos, bem sei, não será fácil, mas sei também que o desânimo não é um bom companheiro para o trajecto que teremos de fazer. Todos. E é grande e de muita importância o trabalho que neste ano nos espera.

A muito curto prazo (dias ou poucas semanas, supõe-se) conheceremos qual o contributo (?) que nos vai ser pedido para a reorganização da rede do ensino superior, reorganização que, ao que nos disseram os mais altos responsáveis da tutela nestes dias, estará quase pronta. Não sabemos quem a prepara. Sabemos, tão-só, que as estruturas representativas dos subsistemas de ensino superior (CRUP e CCISP) não foram, até ao momento, ouvidas. Sabemos, ainda, que se pretende que esta reforma seja um processo que produza efeitos já a partir da próxima candidatura ao ensino superior, o mesmo que – a partir do próximo ano lectivo.

Não deixamos de estranhar, seja lícito o comentário, estes métodos de trabalho, mas, em boa verdade, no que estamos mesmo interessados (e expectantes!) é em conhecer as suas consequências, incluindo as consequências para a nossa Instituição.

Veremos neste ano, também, submetidos a avaliação da A3ES (Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior), um significativo número de ciclos de estudos, distribuídos por várias áreas científicas e de diferentes escolas. É ainda uma avaliação preliminar, como sabem, mas é fundamental à



nossa subsistência que ela corra bem e para ela e para os seus requisitos solicito a melhor atitude e esforço de todos.

Um facto encorajante e que muito nos orgulha: a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) escolheu o IPVC, entre múltiplos candidatos e a partir da nossa experiência no desenvolvimento do Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ), como instituição piloto para desenvolvimento do Sistema de Garantia de Qualidade, o que não é mais do que dotar o nosso Sistema de Gestão de Qualidade de competências de certificação, passando ele, a breve prazo, a ser a entidade que irá avaliar e certificar os nossos cursos. Passaremos, então e agora, a ter um Sistema de Gestão e de Garantia da Qualidade, acrescentado que esteja de competências de certificação.

Estamos com muitas dificuldades em responder às carências sociais de muitos dos nossos alunos. Há um significativo número de alunos do primeiro ano, tudo indica carenciados e com direito a bolsas de estudo, que não teve ainda acesso a essas bolsas, o que já afastou alguns da frequência e poderá pôr em risco a continuidade de muitos outros a breve prazo. Tudo estamos a fazer para resolver esta situação.

Teremos, neste ano também, de dotar de uma maior agressividade a nossa política para a empregabilidade e para o empreendedorismo, num trabalho conjunto que envolverá a Instituição (professores e alunos), a CIM e as Associações Empresariais.

Terminará o programa de apoio à formação avançada de professores – o PROTEC – por falta de financiamento, pelo que os nossos colegas, que gozam deste apoio, nomeadamente, da redução do horário de trabalho e do pagamento de propinas, ficarão sem eles a partir do segundo semestre. Não nos foi pago, sequer, o financiamento referente ao PROTEC do 2010/2011, o qual estava inscrito em OE. Estamos a falar em quase meio milhão de euros, o que para nós constitui uma profunda contrariedade, como todos entenderão, que não sabemos ainda como vamos resolver.

Somando contrariedades, os CET não serão objecto de financiamento específico por fundos europeus, conforme estava previsto no ano em curso. Tere-



mos, então, de os suportar no OE que nos foi dado e onde eles não foram contabilizados, o que nos causará mais um enorme constrangimento que não sabemos também ainda como vamos resolver, face à grande aposta que fizemos neste tipo de formação, tão importante para tantos alunos, para a sociedade e para algumas das nossas escolas.

Iremos, ainda, ter de pagar os serviços prestados pela FCCN (Fundação para a Computação Científica Nacional), como acesso à internet e a B-On, no valor de muitas dezenas de milhares de euros, até aqui assumidos pelos serviços centrais do Estado e não contabilizados também no nosso OE 2012.

Penso que não vale mesmo a pena prosseguir neste rumo de análise. Vamos resistir, seja o que isso signifique a cada momento. Proponho-vos que seja este, para cada um de vós, o desafio: resistir.

Só poderemos resistir se dermos as mãos, se unirmos esforços e querereres. Se formos capazes de fazer, sem dinheiro, pela nossa entrega, pela nossa criatividade e pela imaginação, muito do que até aqui fazíamos noutra base, com outro suporte e que não poderemos deixar de continuar a fazer. Falovos desde a distribuição de trabalho dos docentes até à promoção institucional, que terá de ser, mais do que nunca, fruto do empenho e da iniciativa de todos, discernida, viva e abrangente.

Os nossos alunos, de par com professores e funcionários, terão de ser os agentes fundamentais da nossa promoção institucional. Agora, o que a promoção institucional não pode é parar. Os nossos alunos estão prontos à entrega. Vi-o hoje, nos seus olhos, quando dei posse às novas direcções das Associações de Estudantes. Temos de nos apoiar mutuamente. Não haverá espaço para a indiferença. Todos seremos poucos, ainda, para assegurar a qualidade dos nossos processos formativos, do incremento da nossa investigação e dos serviços à comunidade isto é, para o cumprirmos a nossa missão.

Mais do que nunca precisamos de coesão e de sentido de caminho, sempre com cultivo da diversidade e de livre opinião, em que se fundamenta a essência e a riqueza da nossa matriz, enquanto Instituição. Mas é vital a entrega à Instituição pela entrega total de cada um ao seu papel. Temos de



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

crescer ainda mais, se possível, no nosso profissionalismo. Não haverá espaço para profissionais automatizados e alheios, pendurados, apenas, na “certeza” de que no dia 23 o dinheiro cai na conta. Precisamos do empenho de todos como condição de partida.

Não considerem excessivo que vos lembre que, se tudo correr na “normalidade” prevista (e vai correr), cada um de nós irá ter um salário ao fim do mês. Isto assume particular significado quando não pára de crescer o número daqueles que não podem contar com este direito básico: o trabalho e o pão. Vão ser tempos, também, de darmos um conteúdo mais expressivo à nossa crença na responsabilidade social da Instituição.

Aceitem que renove o meu compromisso para convosco, que me elegeste: o de continuar a minha total entrega à Instituição exercendo as minhas responsabilidades na atitude de franca partilha a que vos habituei, e de pugnar pela sua cada vez melhor gestão, no respeito pela sua missão e pelas suas pessoas, porque delas é a vida de que vive a Instituição.

Estou certo da vossa entrega. A Instituição merece-o. A nossa comunidade, a região e este país também.

Se assim for, garanto-vos:

VAMOS TER, EM 2012, UM EXCELENTE ANO PARA O NOSSO CRESCIMENTO COMO INSTITUIÇÃO E DE CADA UM DE NÓS, COMO PESSOA.

Viana do Castelo, 16 de Janeiro de 2012

O Presidente do IPVC

Rui Teixeira